

# Uma Ciência Intercomportamental das Relações Socioculturais Como Eventos Referenciais

*(An Interbehavioral Science of Sociocultural Relations as Referential Events)*

Will Fleming\*<sup>1</sup>, Jamiika Thomas\*\*, Miguel Abdala\*\* e Hernando Borges Neves Filho\*\*\*

\*McNeese State University

\*\*University of Nevada, Reno  
(United States of America)

\*\*\*Universidade Estadual de Londrina  
(Brasil)

## Resumo

A Ciência Culturo-Comportamental é dominada pelo pensamento causal. Isso não é necessariamente problemático, mas torna-se quando se considera as relações socioculturais de uma perspectiva intercomportamental. Até agora, o único empenho intercomportamental importante na Ciência Culturo-Comportamental é aquele baseado no Modelo de Metacontingência Elaborado (MME). No entanto, misturar lógica de campo integrado e lógica de contingência causal não é consistente com parte do pensamento intercomportamental contemporâneo, deixando a Ciência Culturo-Comportamental sem uma estrutura intercomportamental bem definida para entender as relações socioculturais. O objetivo deste artigo é descrever como se pode conceber as relações socioculturais intercomportamentalmente como eventos de referência. Ao fazer isso, abordaremos (1) a natureza sociocultural dos eventos de referência, (2) como traduzir contingências comportamentais entrelaçadas em campos integrados compreendendo duas ou mais pessoas interagindo com respeito ao mesmo referente, e (3) as vantagens de desenvolver uma Ciência Culturo-Comportamental que inclua o pensamento intercomportamental sem estar restrito à adesão ao pensamento causal.

*Palavras-chave:* ciência comportamental-cultural, intercomportamentalismo, referência, relações socioculturais, metacontingência

### Abstract

Culturo-behavior science is dominated by causal thinking. This is not necessarily problematic, but it is when considering sociocultural relations from an interbehavioral perspective. So far, the only major interbehavioral sub-enterprise within culturo-behavior science is that based on the elaborated metacontingency model (EMM). However, mixing integrated field and causal contingency logic is not consistent with contemporary interbehavioral thinking, leaving culturo-behavior science without an interbehavioral framework for understanding sociocultural relations. The purpose of this paper is to describe how one can think about sociocultural relations interbehaviorally as referential events. In doing so, we will address (1) the sociocultural nature of referential events, (2) how to translate interlocking behavioral contingencies into integrated fields comprising two or more people interacting with respect to the same referent, and (3) advantages of developing a culturo-behavior science that is inclusive of interbehavioral thinking unconstrained by adherence to casual thinking. An interbehavioral approach to sociocultural relations may allow us to consider a wider array of events than the EMM or other metacontingency models orient us to. While metacontingency models are useful for helping us understand why sociocultural events persist, they are not specifically designed to help us understand their uniqueness. By contrast, in an interbehaviorist approach based in genuine referential events, such as those in which a referor refers a referee to a referent. Uniqueness can be better studied in this approach since the linearity of referring and being referred does not imply causation; factors of events refer to parts of events organized across space and time, not how one causes another. The referent is the stimulus object referred to (e.g., an object, event, or relation). Referents may be existent or nonexistent; people can refer to concrete referents that are perceived through a physio-chemical contact medium, just as they can refer to mere constructions that do not have corresponding existents in the environment. In this account, a group should be considered a network of people who regularly interact with one another in a conventional way. To say that referential events are conventional is to say that referors refer to referents in an arbitrary way that referees understand given a shared history of culturalization within the same group auspices (i.e., Response functions of two or more interacting persons are coordinated with stimulus functions of the same referential objective). In this sense, referential events can be understood as what is commonly called cultural or symbolic behavior. In conclusion, arguments about the epistemic value of referential events in a field perspective of cultural phenomena are offered, outlining an attempt at an interbehavioral science of sociocultural relations as referential events.

*Keywords:* culturo-behavior science, interbehaviorism, reference, sociocultural relations, metacontingency

O Interbehaviorismo é um sistema filosófico originalmente construído por J. R. Kantor (1888-1984). Kantor estava interessado em desenvolver uma abordagem naturalista para a atividade científica em geral e para a ciência da psicologia em particular (Fryling & Hayes, 2012). Como filosofia da ciência, o Interbehaviorismo fornece uma base de pressupostos para fundamentar as atividades científicas na psicologia sem recorrer ao absolutismo, universalismo ou mentalismo (Kantor, 1953; Kantor & Smith, 1975). A psicologia Interbehaviorista é um sistema científico construído com base em contatos com coisas e eventos, organizado usando uma lógica teórica de campo não causal. A construção deste sistema visa maximizar a consistência interna dos conceitos científicos, a coerência em seus experimentos e sua significância em relação a outras ciências, com o objetivo de construir uma compreensão abrangente das interações entre o organismo inteiro e o ambiente (Kantor, 1953, 1959; Hayes & Fryling, 2023).

Os trabalhadores científicos em cada ciência delimitam arbitrariamente partes do mundo como seu objeto de estudo (Hayes & Fryling, 2009). Muitos dos mesmos objetos (ou seja, entidades que interagem, incluindo organismos) que participam de eventos psicológicos também participam de eventos que estão sob a jurisdição de outras ciências, como biologia e antropologia (Kantor, 1959). A partir dessa filosofia, a noção de interação é fundamental para delinear o objeto de estudo da psicologia em relação a outras ciências; as ciências podem ser tipificadas com base em interações qualitativamente diferentes. Interações, como eventos ou partes de eventos nos quais entidades agem umas sobre as outras simultaneamente, caracterizam a lógica das relações funcionais fundamentais no Interbehaviorismo (Fryling & Hayes, 2009; Hayes & Fryling, 2023; Smith, 2007). Nessa Psicologia, o evento psicológico ou segmento de comportamento é a unidade central de análise.

Eventos psicológicos são descritos como fatores convergentes que interagem e compõem campos integrados. Esses fatores incluem funções de estímulo, funções de resposta, fatores situacionais, história intercomportamental, meios de contato e a especificidade das organizações de campos particulares (Hayes & Fryling, 2023). A interação focal dos eventos psicológicos é chamada de funções estímulo-resposta, que podem ser divididas em funções de estímulo e funções resposta para fins analíticos, desde que se respeite a unidade da interação (Hayes & Fryling, 2018).

A psicologia Interbehaviorista possui também subáreas e focos específicos, como a psicologia cultural. Em seu livro *Cultural Psychology* (1982), Kantor discute processos pelos quais o intercomportamento cultural dos organismos humanos se desenvolve como parte de traços psicológicos gerais ou como parte de seu equipamento cultural. O intercomportamento cultural refere-se a eventos psicológicos nos quais as funções de estímulo-resposta são convencionadas entre os membros de um grupo e são estabelecidas sob os auspícios desse grupo (Fleming et al., 2021; Houmanfar et al., 2001). Assim, instituições, por exemplo, na psicologia Interbehaviorista referem-se a objetos de estímulo com propriedades convencionais e arbitrárias que são específicas de grupos delimitados em parte pelas interações entre as pessoas. Embora a explicação de Kantor (1982) sobre o intercomportamento cultural ofereça *insights* valiosos sobre as condições relacionadas à atualização das práticas culturais e maneiras naturalistas de descrevê-las, poucos cientistas

comportamentais continuaram a sistematizar a psicologia cultural a partir de uma perspectiva Interbehaviorista. Esse pensamento participa em vários graus de discussões da ciência comportamental contemporânea, mas ainda é uma orientação marginalizada para estudar cultura, relações socioculturais e tópicos semelhantes a partir de perspectivas comportamentais.

Partindo disto, o presente ensaio conceitual tem por objetivo geral apresentar um esboço de uma ciência interbehaviorista das relações socioculturais. Já o objetivo específico desta discussão é fornecer uma interpretação Interbehaviorista de relações socioculturais dentro da Ciência Culturo-Comportamental (CuBS). Kantor (1982), principalmente interessado na psicologia dos indivíduos, não formulou uma explicação das relações socioculturais (ou relações sociológicas; cf. Houmanfar et al., 2010), nesse sentido, vale ressaltar que o proposto nesse artigo difere da proposição original de Kantor (1982) mesmo que estejamos aqui diretamente corroborando com sua lógica de campo. No entanto, Kantor (1977) descreveu um tipo de evento que pode ser analisado tanto de uma perspectiva psicológica quanto sociocultural: eventos de referência. Este artigo expandirá uma conceituação psicológica kantoriana de eventos de referência para descrever como as relações socioculturais podem ser concebidas de forma Interbehaviorista. Cientistas culturo-comportamentais podem ou não achar tal explicação útil para seus próprios objetivos, mas, esperamos que este artigo ao menos demonstre quão diferente é uma explicação intercomportamental das relações socioculturais em comparação com uma lógica mista, que entrelaça lógica de campo integrado e de contingência (e.g., Ardila-Sánchez et al., 2019). Esperamos, portanto, que uma epistemologia diferente, mais ainda comportamental, fomente novas pesquisas, tecnologias, aplicações e protocolos que possam ganhar alguma nova perspectiva ao utilizar uma noção de campo, podendo assim lançar luz à novas variáveis, processos e potenciais intervenções aplicadas.

### **Ciência Culturo-Comportamental (CuBS), Behaviorismo Radical e Interbehaviorismo**

Apesar de modesta, uma parcela da ciência comportamental atual na qual é possível rastrear alguma influência de Kantor (1982) e suas reflexões sobre o intercomportamento cultural é a Ciência Culturo-Comportamental (CuBS, do inglês *Culturo-Behavior Science*). Linhas de pesquisa preocupadas com as relações socioculturais na CuBS derivam de suposições Behavioristas Radicais e construtos analítico-comportamentais (e.g., Glenn et al., 2016), mas o modelo de metacontingência elaborado (MME) de Houmanfar e colaboradores (Ardila-Sánchez et al., 2019; Houmanfar, Alavosius, et al., 2024; Houmanfar, Ardila-Sánchez & Alavosius, 2020; Houmanfar & Rodrigues, 2006; Houmanfar, Rodrigues & Ward, 2010) sempre foi descrito parcialmente em termos Interbehavioristas (Fleming, 2024). Os construtos e a lógica Kantorianas em relação ao MME ajudaram a esclarecer questões relativas aos níveis de análise (cf. Houmanfar et al., 2010) e à conceituação do papel das interações verbais (cf. Ardila-Sánchez et al., 2019) ao descrever as relações socioculturais na CuBS — como visto com o meio cultural.

Na formulação mais recente do MME, Houmanfar et al. (2024) definem o meio cultural como o “ambiente participativo composto pela coleção de funções de estímulo distintas que demonstram os valores, crenças/opiniões predominantes que as pessoas adquirem” (tradução dos autores, p. 3). No entanto, apesar do uso de construtos como funções de estímulo e referências repetidas ao trabalho de Kantor (1977, 1982), a lógica de contingência causal subjacente ao MME não é consistente com o Interbehaviorismo contemporâneo (Fleming, 2024; Hayes & Fryling, 2023). Os proponentes do MME nunca afirmaram que o modelo é principalmente Interbehaviorista, mas integrar referências Kantorianas ao lado de construtos usados na psicologia Interbehaviorista dá ao MME uma falsa impressão de integrar o pensamento causal com a lógica de campo, que são incompatíveis. A influência de Kantor no MME não altera o pensamento causal que fundamenta a lógica da Ciência Comportamental proposta (Houmanfar et al., 2024). Na medida em que podemos construir uma especialidade ou subárea da CuBS baseando-nos majoritariamente na epistemologia Interbehaviorista (e.g., Kantor, 1977, 1982; Parrott, 1983) para descrever relações socioculturais de forma mais naturalista, fazê-lo parece vantajoso para expandir as ferramentas dos trabalhadores científicos interessados em entender e intervir sobre mudanças culturais. Interações entre o behaviorismo radical e o interbehaviorismo tem se mostrado constantes e proficuas na literatura. Esperamos aqui delinear, portanto, uma interação entre a CuBS e o interbehaviorismo, mais especificamente o interbehaviorismo cultural de Kantor (1982).

### Eventos de Referência

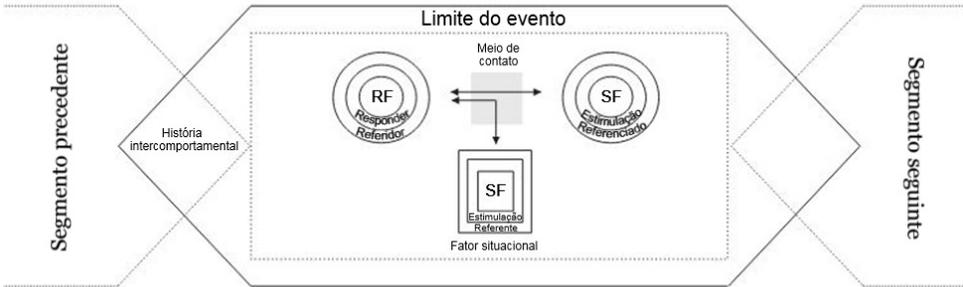
Em seu livro sobre linguística psicológica, Kantor (1977) apresenta a noção de eventos de referência, um tipo de análise do comportamento verbal distinta da análise de Skinner (1957), pois parte de uma organização de análise dos constituintes de um episódio verbal entre falante(s) e ouvinte(s) sob uma ótica com foco em diferentes nuances e dinâmicas do processo. Kantor (1977) define eventos de referência como aqueles em que um referidor (*referor*) refere (*refers*) a um referido (*referee*), um referente (*referent*). Isso pode envolver o falante referidor, escrevendo, gesticulando ou engajando-se em outras formas de comunicação ou expressão. O referido pode simplesmente se orientar para o referente ou o referido pode participar de uma variedade de atos consumatórios (*consummatory acts*) em relação ao referente, incluindo a referência subsequente como um referidor. A linearidade de referir e ser referido não implica causalidade; os fatores dos eventos referem-se a partes de eventos organizados no espaço e no tempo (contíguos), não como um causando o outro. O referente é o objeto de estímulo referido (por exemplo, um objeto, evento ou relação). Referentes podem ser existentes ou inexistentes; as pessoas podem referir-se a “referentes concretos” (Smith, 2007, p. 174) que são percebidos através de um meio de contato físico-químico, assim como podem referir-se a meras construções, ficções e narrativas que não têm correspondentes existentes no ambiente (além de outras pessoas terem se referido, falado sobre elas).

As principais características dos eventos referenciais – considerados psicológicos – são que eles são biestimulacionais e convencionais. Dizer que eventos referenciais são biestimulacionais significa que o referidor e o referido não apenas interagem em relação um ao outro, mas em relação ao mesmo referente durante um evento de referência. Cada resposta referencial (de um referidor ou de um referido) se atualiza não apenas em relação a um objeto de estímulo auxiliar (os referidos ou referidores, respectivamente), mas a um objeto de estímulo de ajuste particular (o referente). Dizer que eventos de referência são convencionais significa que os referidores se referem aos referentes de uma maneira arbitrária que os referidos entendem, dada uma história compartilhada de culturalização dentro dos mesmos auspícios do grupo (cf. Fleming et al., 2022; Kantor, 1982). Nesse contexto, um grupo deve ser considerado uma rede de pessoas que interagem regularmente umas com as outras de maneira convencional. A Figura 1 ilustra eventos de referência genuínos ao focar nas funções de resposta da resposta de um referidor (painel superior) e na resposta de um referido (painel inferior).

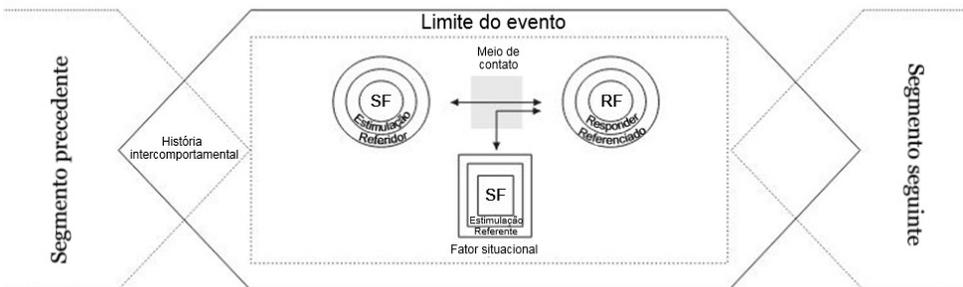
### Figura 1

*Eventos de Referência Considerados Psicologicamente, com Foco nas Funções de Resposta de um Referidor (Painel Superior a) e de um Referenciado (Painel Inferior b). Esses Campos Integrados são Baseados nas Descrições de Eventos de Referência de Kantor (1977)*

a.



b.

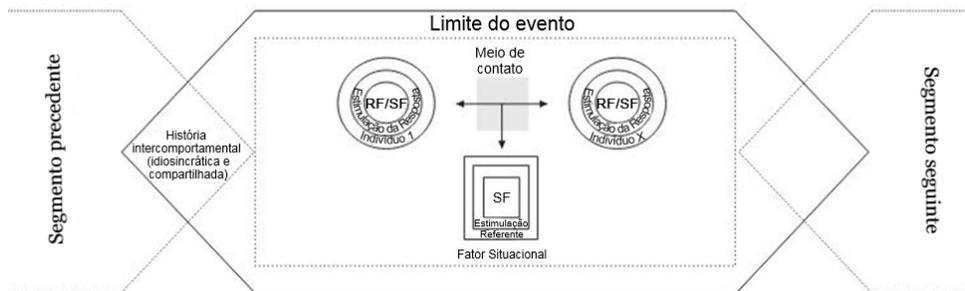


Vale notar que todas as representações de Kantor (1977) de eventos de referência focam nas funções de resposta do referidor ou do referido. Isso ocorre porque Kantor os analisa de uma perspectiva psicológica de campo. Na psicologia Interbehaviorista, eventos psicológicos referem-se a interações entre o organismo e o ambiente como um todo, e não a interações entre todo o organismo e todo o ambiente. Esta é uma sutil, porém importante diferença. O último está dentro do escopo de uma análise sociocultural que considera um ambiente para a participação regular de um ou mais organismos em certos padrões (Fleming, 2023). A análise psicológica do intercomportamento de um referidor ou referido reconhece que ambos estão constantemente se intercomportando, mas cada um é tratado como um objeto de estímulo quando o foco está na resposta do outro.

Para determinar se um evento de referência é genuíno ou não, um referidor *deve* orientar um referido com quem está interagindo para um referente. Isso requer resposta por parte tanto do referidor quanto do referido; a interação total em relação ao referente sempre envolve resposta por parte de um referidor e de um referido. Eventos de referência podem envolver apenas uma pessoa participando tanto como o referidor quanto o referido, mas — quando duas ou mais pessoas estão participando — o evento está sujeito a análise sociocultural. Assim, eventos de referência genuínos podem ser descritos como eventos referenciais quando envolvem duas ou mais pessoas interagindo entre si e com o mesmo referente. Essa conceitualização está representada na Figura 2.

### Figura 2

*Um Campo Integrado Representando um Evento de Referência de uma Perspectiva Sociocultural. RF/SF Denota que um Indivíduo Participa Tanto Como Locus de Funções de Resposta Quanto de Estímulo em Eventos Sociológicos (Parrott, 1983). Apenas Duas Pessoas Individuais são Representadas Aqui, mas o Indivíduo X Indica que Poderia Haver Mais*



## Metacontingências e Contingências Entrelaçadas Estariam em um Campo?

Pesquisadores da área de metacontingências podem questionar a descrição das funções estímulo-resposta como características primárias das relações socioculturais. Para Houmanfar et al. (2020), os socio-comportamentos entrelaçados (socio-IBs, do inglês *socio interlocked behavior*) são o principal termo de interesse dentro do MME, pois são recorrentes no nível de análise sociocultural. Os socio-IBs compreendem o comportamento interligado de vários organismos, mas o comportamento operante não é a unidade focal do MME — é a totalidade como um todo coeso. Da mesma forma, o modelo de metacontingência de Glenn e colaboradores (2016) foca nas contingências comportamentais entrelaçadas (IBCs, do inglês *interlocked behavioral contingency*) em vez dos comportamentos operantes inter-relacionados que compõem os IBCs. As IBCs não são apenas o comportamento operante de múltiplos organismos; eles são uma única unidade interativa. Para o Interbehaviorismo, a totalidade irreduzível dos socio-IBs e IBCs é capturada pela apreciação das relações socioculturais como fatores inter-relacionados de eventos inteiros. As contribuições chave dos socio-IBs e IBCs podem ser explicadas de maneira não causal e intercomportamental quando se reconhece que organismos também participam simultaneamente como objetos de estímulo para outros (cf. Parrott, 1983).

Em socio-IBs e IBCs, as respostas de organismos individuais servem para produzir estímulos discriminativos e reforçadores para o comportamento dos outros, e a totalidade do comportamento operante que constitui os socio-IBs e IBCs produz produtos agregados que são diferentes do que um organismo individual poderia produzir sozinho (Glenn, 2004). Em eventos de referência genuínos, os indivíduos servem como objetos de estímulo auxiliares para as funções de resposta referencial dos outros enquanto elas próprias respondem. Semelhantemente aos produtos agregados, os referentes em eventos de referência genuínos só são identificáveis quando um referidor e um referido interagem convencionalmente com o mesmo objeto de estímulo. Socio-IBs, IBCs e eventos referenciais genuínos podem ser examinados psicologicamente, mas nenhum pode ser totalmente descrito considerando apenas a resposta de um referidor ou referenciado. Embora eventos referenciais possam envolver apenas uma pessoa (participando tanto como referidor quanto referenciado), eventos de referência pertinentes à análise sociocultural envolvem duas ou mais pessoas.

As características centrais tanto deste primeiro esboço, ou atualização, de uma Ciência Interbehaviorista das Relações Socioculturais quanto, das conceitualizações de metacontingência incluem: (1) o comportamento das pessoas participa como estímulo para o comportamento dos outros e (2) eventos de interesse envolvem duas ou mais pessoas interagindo. Embora as abordagens de metacontingência e interbehaviorista sejam semelhantes nesses aspectos, as abordagens interbehavioristas veem as relações socioculturais como necessariamente referenciais. Organismos que não interagem com o mundo de maneira convencional não podem ser considerados como participantes dos eventos de referência descritos aqui. Houmanfar e colaboradores (Ardila-Sánchez et al.,

2019; Houmanfar, Alavosius, et al., 2024; Houmanfar, Ardila-Sánchez & Alavosius, 2020; Houmanfar & Rodrigues, 2006; Houmanfar, Rodrigues & Ward, 2010) e Sampaio e Haydu (2023a) reconhecem isso em seus modelos de metacontingência até certo ponto, mas essa perspectiva sobre a referência é difícil de ser alcançada quando o foco está mais nos efeitos agregados e nas relações entre eventos do que na qualidade das interações convencionais consideradas como eventos únicos, o que seria um tipo de foco que uma abordagem de campo privilegiaria.

Para elaborar mais sobre essa proposta de análise com a base na ideia de eventos de referência, considere um exemplo comum de metacontingência: duas pessoas preparando uma refeição (cf. Glenn, 2004; Houmanfar & Rodrigues, 2006; Houmanfar et al., 2010). Preparar uma refeição pode ser considerado um evento de referência que envolve várias interações convencionais entre pessoas que se orientam em relação a um objeto de estímulo (ou seja, a refeição). As funções dos objetos estímulo auxiliares que participam do evento—como eletrodomésticos, ingredientes e a mesa—podem ser descritas em diferentes níveis de precisão, conforme necessário para fins analíticos. A refeição é considerada o objeto estímulo de ajuste porque é o objeto estímulo em relação ao qual ambas as pessoas estão se ajustando referencialmente, mesmo enquanto interagem com diferentes objetos estímulo auxiliares na ausência de sua forma final. Todas as interações auxiliares dentro dos eventos psicológicos—referenciais ou não—constituem partes significativas do ajuste e da dinâmica em relação aos objetos estímulo. Embora todas essas interações possam ser analisadas psicologicamente, nenhuma isoladamente pode substituir o evento referencial completo de preparar a refeição (um foco molar). E, caso descrevamos os fatores de configuração que foram mostrados como correlacionados com as duas pessoas preparando refeições juntas, podemos descrever as condições de preparar uma refeição como outra parte da unidade de análise sociocultural—o evento referencial—sem interpor causalidade nos eventos observados.

Reconhecer objetos de estímulo de eventos de referência como referentes nos ajuda a orientar a linguística de tais eventos. Referentes, como objetos de estímulo com propriedades convencionais aos quais duas ou mais pessoas respondem durante eventos de referência, podem estar presentes ou ausentes no ambiente imediato (Kantor, 1926, 1977; Ribes-Iñesta, 1991; Smith, 2007). Contatados implicitamente como funções de objetos de estímulo substitutos, os referentes ausentes podem ser fisicamente localizáveis e concretos (por exemplo, uma cadeira em outra sala). Eles também podem não ser encontrados no ambiente físico (por exemplo, eventos descritos em um romance, personagens inventados). Nesses casos, a “subsistência” desses conceitos persiste indiretamente com base no fato de outras pessoas terem se referido a eles. Se duas pessoas percebem linguisticamente uma situação de maneira semelhante, como uma na qual elas podem cooperar juntas para alcançar um objetivo, então essas pessoas estão interagindo substitucionalmente com o mesmo referente ausente—um objetivo—além de interagirem entre si, e isto é um intercomportamento. Diferente dos modelos de metacontingência, nos quais os culturantes são reconhecidos apenas quando o comportamento de dois ou mais organismos em interação contribuem para um produto agregado, é irrelevante se

as pessoas participantes atingem ou não o objetivo. As funções de resposta de duas ou mais pessoas interagindo são coordenadas com as funções de estímulo do mesmo objetivo referencial. O que é sociocultural neste quadro é se existe um evento referencial que envolve duas ou mais pessoas interagindo com o mesmo referente, e não se dois ou mais organismos contribuem para uma alteração ambiental específica.

Em eventos de referência mais complexos, diferentes pessoas frequentemente interagem simultaneamente como referidor e referido. Isso ocorre porque (1) várias pessoas respondem em relação ao mesmo referente e (2) referir pode constituir um ato consumatório de um referido. Para continuar com o exemplo de preparar uma refeição, ver uma pessoa cortando legumes pode orientar outra a completar outra parte da refeição, de maneira semelhante a ouvir uma instrução vocal. Se a resposta da Pessoa A em relação à Pessoa B orienta a Pessoa B para um referente com o qual a Pessoa A está interagindo, então a resposta da Pessoa A é referencial. O evento referencial persiste enquanto a Pessoa A e a Pessoa B continuarem a interagir com aquele referente e entre si, mesmo que interajam com objetos de estímulo auxiliares. Isso é semelhante a afirmar que o comportamento humano é linguagem (Ribes-Iñesta, 2006b). Todo comportamento humano é significativo porque os humanos percebem ou derivam os referentes com os quais os outros estão interagindo. Quando uma pessoa se ajusta nos auspícios do grupo, essa pessoa interage de uma maneira que é entendida por outros que compartilham uma história de culturalização. É essa característica—a linguística de interagir referencialmente—que caracteriza as relações socioculturais de uma perspectiva Interbehaviorista. A amplitude do que constitui uma história partilhada de culturalização está fora do âmbito deste artigo, mas análises teóricas e experimentais da culturalização podem ser encontradas na literatura (e.g. Fleming et al., 2021; Kantor, 1982).

### **A Respeito de Interações**

Os teóricos e empiristas da metacontingência também podem contestar a conceitualização das relações socioculturais como interações entre pessoas que, como um grupo inteiro, não afetam seu ambiente. Esta é uma característica fundamental tanto dos socio-IBs quanto dos IBCs. Socio-IBs e IBCs não se referem apenas a comportamentos inter-relacionados de dois ou mais organismos, mas a totalidade coesa que interagem com ambientes como entidades únicas. Em uma perspectiva Interbehaviorista, essa noção pode ser traduzida e enquadrada nas seguintes perguntas: (1) ao interagir entre si, grupos de pessoas interagem com algum objeto estímulo com alguma camada de determinação sociocultural ou simbólica? E, em caso afirmativo: (2) Quais são os fatores que compõem essas interações? Certas interações que foram descritas usando modelos de metacontingência (por exemplo, como preparar uma refeição: Glenn, 2004; Houmanfar & Rodrigues, 2006) podem ser descritas usando campos integrados como na Figura 2, mas outras interações parecem envolver ações coletivas de dois ou mais grupos de pessoas. Kantor não formulou uma explicação das relações socioculturais (ou relações sociológicas; c.f. Houmanfar et al., 2010). No entanto, Kantor (1982) reconhece a utilidade e validade

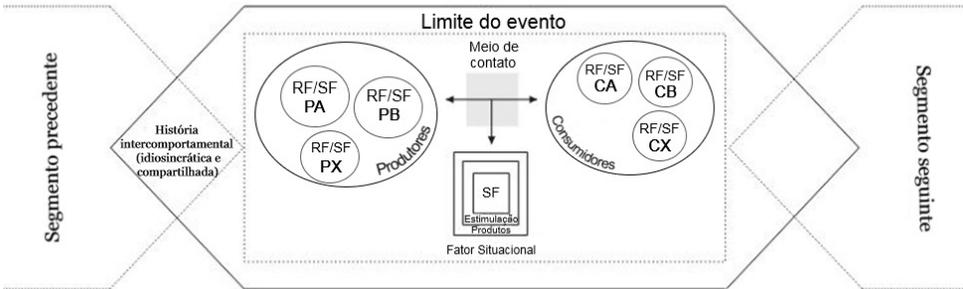
de tal pensamento, não apenas para psicólogos. Analisando o comportamento de multidões ao afirmar que a demanda do consumidor seleciona socio-IBs e os produtos agregados que eles produzem, Houmanfar et al. (2020) orientam os leitores para as trocas entre organizações e consumidores. De maneira semelhante, Mattaini (2020) sugere que sistemas culturais inteiros podem interagir entre si. Qualquer uma dessas conceituações pode ser traduzida em uma alternativa Interbehaviorista coerente, na qual um grupo de pessoas que interagem referencialmente—como um todo—interage com outro grupo ou algum outro interagente.

Contudo, a lógica dos eventos de referência apresenta questões teóricas e práticas ao considerar interações entre grupos. A principal questão diz respeito à diferenciação dos grupos que interagem entre si. Um grupo de pessoas que contribuem para a produção de algo, até mesmo refeições, pode ser considerado participante de um evento referencial, mas o mesmo pode ser dito sobre os consumidores ou outras pessoas que compram, usam ou de alguma forma interagem com os produtos. Relações de troca—assim como relações de poder e sanção (Ribes-Iñesta, 2006a) também parecem constituir tipos de referência. As relações econômicas descritas por Glenn e Malott (2004), Malott (2003) e Houmanfar e Rodrigues (2006) envolvem grupos de pessoas que criam produtos e consumidores que os compram. Tais interações podem ser descritas como eventos de referência em que referidores (i.e., produtores) referem referidos (i.e., consumidores) a referentes (i.e., produtos). Todas as pessoas envolvidas na produção, marketing e venda de produtos podem ser consideradas participantes de um único ajuste estendido que orienta os consumidores aos produtos. Da mesma forma, várias pessoas orientadas para esses produtos podem contribuir para comprá-los juntas.

Como produtores e consumidores se relacionam—mesmo que apenas implicitamente—e com os mesmos referentes (e.g., produtos), podemos caracterizar tais eventos como referenciais e delinear grupos com base em como certas pessoas interagem com outras e com referentes (ou seja, em quais ajustes específicos pessoas que interagem participam). Se as pessoas ajudam a produzir produtos com relação aos consumidores, podemos classificá-las como parte de um grupo (ou seja, aqueles que participam do ajuste de produção). Da mesma forma, pessoas que são orientadas para produtos e reúnem recursos para comprá-los podem ser classificadas como outro grupo (ou seja, aqueles que participam do ajuste de consumir produtos). Esta conceitualização é ilustrada na Figura 3 de acordo com este exemplo específico.

**Figura 3**

*Um Evento de Referência no Qual Produtores Interagem com Consumidores. Todas as Pessoas Individuais Devem ser Consideradas Como Humanos que Respondem e Servem Como Objetos de Estímulo Para os Outros. P# ou PX Denotam Diferentes Produtores, e C# ou CX Denotam Diferentes Consumidores. Deve-se Assumir Setas Bidirecionais Entre os Indivíduos*



Podemos, no entanto, não querer restringir as interações socioculturais apenas àquelas entre grupos. Como destacado por Houmanfar et al. (2020) ao descrever as práticas do consumidor em termos de macrocomportamento, cada consumidor não necessariamente interage com produtos agregados como parte de um grupo. Uma empresa pode produzir um produto com respeito às pessoas como um grupo de consumidores, mas os consumidores individuais podem não interagir entre si para comprar produtos (ou apenas indiretamente através de mudanças de preço de acordo com a demanda do consumidor). A conceitualização referencial das relações socioculturais considerada aqui não exclui essa possibilidade. As características das Figuras 2 e 3 podem ser utilizadas juntas para descrever eventos referenciais envolvendo interações entre (1) duas ou mais pessoas individuais, (2) dois ou mais grupos e (3) pessoas individuais e grupos. Campos integrados de todos esses tipos de interação podem ser considerados socioculturais porque descrevem um ajuste total compreendendo múltiplas pessoas interagindo com respeito a referentes que todos precisam reconhecer para caracterizar apropriadamente cada evento.

Existem outros benefícios na abordagem das relações socioculturais descrita aqui. Primeiro, ela preserva o naturalismo da segmentação de Kantor (1959). Muitas pessoas podem participar do processo de referir e muitas podem participar sendo referidas, mas redes de interações referenciais constituem ajustes definidos, observáveis e descritíveis que as pessoas fazem com respeito aos referentes e umas às outras. Esses ajustes podem constituir interações diretas facilmente reconhecíveis entre grupos específicos de pessoas. Também podem constituir redes extremamente complicadas de interações nas quais cada pessoa não interage com todas as outras ou interage apenas com outros de maneira geral e não específica (por exemplo, quando organizações produzem para clientes não específicos e imaginados).

Em segundo lugar, essa conceitualização permite a escalabilidade de uma para múltiplas pessoas atuando juntas para orientar referidos ou participar como referidos com respeito ao mesmo referente. Enquanto as interações referenciais só são possíveis dado um histórico de interação convencional com outros, as pessoas podem referir-se a coisas e eventos (por exemplo, alguém pode escrever uma carta para si mesmo; alguém pode falar consigo mesmo). É importante restringir a análise sociocultural a eventos que envolvem múltiplas pessoas interagindo, mas é igualmente importante caracterizar as capacidades que permitem às pessoas participar desses eventos (ou seja, as habilidades de referir e ser referido, que não estão limitadas apenas a circunstâncias que envolvem outra pessoa).

Em terceiro lugar, utilizar uma perspectiva baseada em eventos de referência para relações socioculturais permite a análise de características que podem ser ofuscadas ao generalizar as semelhanças entre eventos para construir uma abordagem estritamente selecionista deles (e.g., Tonneau, 2016). Em quarto lugar, descrever pessoas e como elas participam de eventos referenciais com respeito umas às outras será sempre relevante para entender a complexidade das dinâmicas de mudança cultural. As pessoas sempre trazem seus próprios históricos únicos de interação para os eventos referenciais nos quais participam, tornando todos os eventos referenciais únicos e idiossincráticos. Por fim, analisar relações socioculturais como eventos de referência não requer constructos causais. Podemos descrever eventos como fatores que interagem sem afirmar que qualquer fator único causa o evento ou que um evento específico causa eventos subsequentes ou anteriores. Os históricos de pessoas e referentes interagentes participam diferencialmente dos eventos na medida em que uma circunstância atual—tanto temporal quanto espacialmente estendida—compartilha alguma semelhança formal com circunstâncias passadas. A organização de um evento referencial é, em parte, uma confluência de históricos que se encontram em um momento particular no tempo. Nenhum desses tipos de descrições envolve causalidade linear, apenas semelhança formal e ajustes com respeito às propriedades do ambiente.

Para além das vantagens listadas acima, uma abordagem Interbehaviorista das relações socioculturais pode nos permitir considerar uma gama mais ampla de eventos do que outras abordagens de metacontingência nos orientam. Enquanto os modelos de metacontingência são úteis para ajudar a entender por que eventos socioculturais persistem, eles não são especificamente projetados para nos ajudar a entender sua singularidade. O que se propõe aqui é que há algumas mudanças ambientais produzidas por organismos—individualmente ou em grupo—que constituem reconfigurações significativas em um sistema cultural, permitindo que novas organizações socioculturais surjam ou interajam de novas maneiras. Para entender completamente essa definição, é necessário considerar as contingências como um todo coeso que pode interagir com o ambiente e, às vezes, possuem a qualidade de algo que ocorre apenas uma vez, ao menos se for seguida a lógica selecionista utilizada por Glenn e colaboradores (Glenn, 2003; Hull et al., 2001). O que está se tentando descrever é um evento, mas é necessário considerar a contingência como algo que pode agir para ser consistente com a lógica da metacontingência. Essa ideia pode parecer incoerente para analistas do comportamento que veem

as contingências como uma forma de descrever circunstâncias temporariamente estendidas. Em vez de ocorrerem, as contingências são geralmente consideradas como descrevendo circunstâncias que persistem por algum tempo. Esse não é um problema nas abordagens Interbehavioristas que reconhecem a unicidade como uma propriedade dos eventos (Hayes & Fryling, 2018; Kantor, 1959). Eventos de referência, analisados de uma perspectiva psicológica ou sociocultural, são sempre únicos porque são históricos. As descrições de campos integrados discutidas aqui não apenas levam em conta essa historicidade, mas orientam os pesquisadores para um meio pouco estudado de transformação societal: a referência. Como podemos nos referir às nossas próprias interações, o intercomportamento humano fornece uma base rica para a mudança cultural à medida que interagimos continuamente referencialmente com o que fizemos, vimos, dissemos, escrevemos, etc. Tomando uma visão mais estendida no tempo, essa mudança é sempre, em certo sentido, sociocultural porque se acumula sobre a atividade humana anterior (Mesoudi & Thornton, 2018).

### Discussão

Este artigo explorou a construção de uma abordagem Interbehaviorista das relações socioculturais baseada na conceptualização de referência de Kantor (1977) e em aperfeiçoamentos subsequentes de sua posição (por exemplo, Hayes & Fryling, 2018, 2023; Parrott, 1983). O único modelo da CuBS que incorpora regular e explicitamente construtos Interbehavioristas é o desenvolvido por Houmanfar e colaboradores (e.g., Ardila-Sánchez et al., 2019; Houmanfar, Alavosius, et al., 2024; Houmanfar, Ardila-Sánchez & Alavosius, 2020; Houmanfar & Rodrigues, 2006; Houmanfar, Rodrigues & Ward, 2010), mas não parece estar baseado na mesma lógica de campo moderna como aqui apresentada. Isso não é necessariamente um problema com o MME (que nunca foi explicitamente apresentado como puramente Interbehaviorista), mas sugere que existe um ramo subapreciado do CuBS: uma subárea Interbehaviorista. A lógica de campo desenvolvida por Kantor não se restringe a eventos psicológicos; Kantor (1953) demonstra isso ao descrever como analisar assuntos de história e lógica usando esse raciocínio. Kantor (1982) também reconhece a legitimidade de analisar interações entre grupos e o ambiente, mas não explora profundamente a construção do que pode ser chamado de ciência Interbehaviorista das relações socioculturais ou uma ciência intersociocultural, o que seria um segundo grande passo lógico na sua construção epistemológica de psicologia de campo. Alguns teóricos, como Houmanfar et al. (2020) e Ribes-Iñesta (2018), incorporaram o pensamento Interbehaviorista para entender relações socioculturais, mas os construtos, pressupostos e lógica básicos de seus modelos desviam-se dos postulados centrais e clássicos para serem chamados de Interbehaviorista em um sentido mais estrito. A abordagem aqui esboçada pretendeu, portanto, retomar a discussão em termos estritamente mais interbehavioristas.

Embora existam muitos modelos diferentes sendo construídos na CuBS (e.g., Cihon & Mattaini, 2020), quase todos os construtos mais básicos da CuBS dependem de alguma forma de lógica de contingência. Isso não é inerentemente

problemático. A causalidade certamente tem sido útil na CuBS, bem como em muitos empreendimentos científicos. Cientistas intercomportamentais reconhecem a utilidade operacional de descrever relações entre variáveis independentes e dependentes durante atividades investigativas (Fleming, 2024; Hayes & Fryling, 2018; Kantor, 1959), mas os construtos interpretativos mais básicos dentro da psicologia intercomportamentalista não são causais. Isso não quer dizer que outras formas de ciência do comportamento envolvam o que é frequentemente chamado de análise causal; cientistas do comportamento há muito tempo utilizam análise funcional em vez de causal (pelo menos, em parte) para descrever relações entre eventos comportamentais e ambientais (c.f. Ribes-Iñesta, 1997). Relações entre variáveis independentes e dependentes nem sempre são consideradas causais no sentido tradicional, e alguns argumentaram que o behaviorismo radical é consistente com a descrição de relações funcionais entre comportamento e eventos ambientais sem implicar causalidade (Laurenti & Lopes, 2008). Da mesma forma, teóricos do comportamento mais inclinados à teoria molar enfatizam que as relações funcionais dizem respeito a padrões covariantes e interdependentes de eventos comportamentais e ambientais (Baum, 2018; Rachlin, 1992).

Todas essas orientações desafiam noções tradicionais de causalidade. Mas todas essas orientações — e a maioria das outras na ciência do comportamento — consideram interações organismo-ambiente inteiramente em termos de contingências, e contingências são reconhecidas como construções causais no interbehaviorismo contemporâneo (Fleming, 2024; Hayes & Fryling, 2023). No domínio interpretativo da psicologia intercomportamental, a causalidade inclui todas as relações condicionais, de dependência e de interdependência entre eventos e fatores, e descrições de eventos baseadas em contingência sempre envolvem algum grau de condicionalidade, dependência e/ou interdependência. Em vez de descrever eventos psicológicos em termos de contingências, estes são descritos como campos integrados (Hayes & Fryling, 2018, 2023). Campos integrados consistem em fatores inter-relacionados e interativos, sem nenhum fator dependente ou condicional a qualquer outro. Um evento não é afetado pela mudança de um fator; eventos diferentes são descritos como diferentes configurações de fatores. Da mesma forma, nenhum evento psicológico é contingente a qualquer outro evento psicológico, e eventos comportamentais e ambientais não são distinguidos um do outro. Responder com respeito à estimulação constitui partes do mesmo evento. Histórias de interação ou eventos passados não têm influência sobre eventos psicológicos atuais; a história participa de eventos como interações substitucionais constantemente transformadoras e compostas com objetos de estímulo, incluindo aqueles que compõem cenários. A causalidade tem um lugar durante atividades investigativas operacionais, mas deve permanecer lá e não extrapolar em descrições interpretativas de eventos na forma de contingências — pelo menos não na psicologia intercomportamental. Apesar de não serem consistentes com as suposições de posições mais amplamente sustentadas na CuBS, descrições não causais das relações socioculturais podem ser preferíveis em certas situações.

Se eventos específicos de interesse (e.g., aqueles ocorrendo no nível de análise sociocultural) não são sujeitos à uma análise funcional, pode ser inadequado

descrevê-los em termos de relações causais que não são alteráveis desta forma (cf. Ruiz & Roche, 2007; Zuriff, 1987). Em uma linha semelhante ao alerta de Kantor (1970) sobre o hiper foco de analistas do comportamento sobre o reforço, isolar fatores causais relacionados à ocorrência de eventos socioculturais pode obscurecer sua qualidade geral e levar ao estudo desproporcional de eventos apenas suscetíveis à análise experimental.

Qualquer explicação abrangente do comportamento precisa ser capaz de considerar a organização molar do comportamento ao longo do espaço, tempo e outros organismos. Existem na análise do comportamento trabalhos na lógica molar há algum tempo (Baum, 1973; Rachlin, 1992), mas poucos, se é que alguém, tentou construir um modelo molar não causal que seja compatível com os princípios fundamentais do interbehaviorismo. A teoria de psicologia de Ribes-Iñesta (2020) é elegante, molar e tem uma forte base interbehaviorista, mas sua dependência da causalidade pode não ser vista como consistente com sua conceituação não causal e baseada em eventos de um campo integrado (cf. Hayes & Fryling, 2023). Se considerarmos os valores científicos como questões de tempo alocado para diferentes padrões abstratos de atividade (cf. Fleming & Hayes, 2024), apenas alguns cientistas do comportamento valorizam o desenvolvimento de um modelo interbehaviorista, quanto mais um que possa descrever coerentemente integrações de padrões extensos e descontínuos (Fleming et al., 2022; Fleming, 2023).

Uma extensão molar do interbehaviorismo não é apenas uma chave para adequadamente explicar o que é tipicamente descrito em termos de processos de seleção de forma mais naturalista e menos linear, mas também para construir construtos investigativos que minimizem o desalinhamento lógico entre atividades investigativas e outros tipos de atividade científica. Ainda assim, a abordagem referencial atual das relações socioculturais é valiosa para aqueles que adotam uma abordagem mais molecular e baseada em eventos ao estudar interações convencionais entre duas ou mais pessoas. Uma ciência do comportamento abrangente deve simultaneamente desenvolver empreendimentos organizados em torno de seus dois principais eixos lógicos: (1) se seus construtos ontológicos mais básicos são causais ou não causais e (2) se são moleculares ou molares. É importante ressaltar que aqui, a ontologia está sendo considerada de maneira pragmática (Baum, 2017). Também é importante notar que as distinções causal/não causal e molecular/molar são qualitativas. Algumas distinções, como molecular/molar, frequentemente se situam em um eixo contínuo (Shimp, 2020), mas outras referem-se a diferenças de lógica que são categóricas (Rachlin, 2013). O interbehaviorismo, como uma subárea dentro do bloco não-causal-molecular da ciência do comportamento, deve ser construído e refinado no mesmo grau que todas as outras abordagens logicamente distintas e coerentes, avançando fronteiras epistemológicas, empíricas e práticas.

Dito isso, formalizar uma ciência Interbehaviorista das relações socioculturais pode ser oportuno no cenário atual de pesquisas e avanços da área. Até recentemente, o MME de Houmanfar e colaboradores (Ardila-Sánchez et al., 2019; Houmanfar, Alavosius, et al., 2024; Houmanfar, Ardila-Sánchez & Alavosius, 2020; Houmanfar & Rodrigues, 2006; Houmanfar, Rodrigues & Ward, 2010) foi pouco debatido em relação à fusão de construtos Interbehavioristas e Behaviorismo Radical (Ardila-

Sánchez & Hayes, 2024; Fleming, 2024). Barnes-Holmes e colaboradores (Barnes-Holmes et al., 2020; Harte & Barnes-Holmes, 2024) estão, de maneira similar, tentando combinar a lógica de campo e a lógica de contingência para reconfigurar a teoria das molduras relacionais em um sistema mais alinhado ao Interbehaviorismo. No entanto, muitos de seus construtos ainda tem apresentado dificuldades ao serem ajustados aos postulados interbehavioristas.

Harte e Barnes-Holmes (2024) fazem alguns progressos em abordar essas preocupações em direção a uma RFT mais Interbehaviorista, mas ainda não está claro como se pode reconstruir qualquer versão da RFT na qual relacionar não seja um operante. Este atual descompasso entre o avanço na adoção de uma abordagem mais molar e de campo sobre temos e conceitos formulados em uma epistemologia causal linear parece uma recapitulação do que ocorreu com Skinner ao formular as terminologias de sua psicologia operante. Como analisou Dinsmoor (2004), toda a terminologia de Skinner como estímulo, resposta, controle, condicionamento, adveio da fisiologia do séc. XIX, marcada pelo mecanicismo desta época. Ao avançar discussões em termos mais selecionistas, termos como controle e estímulos ficam em um certo descompasso referencial com os pressupostos epistemológicos que exploram novas fronteiras do estudo da relação entre eventos. Esforços como o das ciências contextuais que fornecem uma nova terminologia contextualista que atualiza termos clássicos advindos da fisiologia caminham nesta direção. Ao que a discussão aqui apresentada indica, o cenário atualmente é similar nas discussões conceituais das Ciências Culturo-Comportamentais, i.e., o uso de uma linguagem causal que não necessariamente é totalmente compatível ou ampla o suficiente para com o fenômeno estudado, na medida em que este começa a ser estudado também em uma perspectiva de campo que desvela novas variáveis e controles.

## Referências

- Ardila-Sánchez, J. G., & Hayes, L. J. (2023). On the role of philosophical assumptions in conceptual analysis: A reply to (Sampaio & Haydu 2023). *Behavior and Social Issues*, 32(1), 134-140. <https://doi.org/10.1007/s42822-023-00128-3>
- Ardila-Sánchez, J. G., Houmanfar, R. A., & Alavosius, M. P. (2019). A descriptive analysis of the effects of weather disasters on community resilience. *Behavior and Social Issues*, 28(1), 298-315. <https://doi.org/10.1007/s42822-019-00015-w>
- Ardila-Sánchez, J. G., Richling, S. M., Benson, M. L., & Rakos, R. F. (2020). Activism, advocacy, and accompaniment. In T. M. Cihon & M. A. Mattaini (Eds.), *Behavior science perspectives on culture and community* (pp. 413-436). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0_7)
- Baum, W. M. (1973). The correlation-based law of effect. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 20(1), 137-153. <https://doi.org/10.1901/jeab.1973.20-137>
- Baum, W. M. (2017). Ontology for behavior analysis: Not realism, classes or objects, but individuals and processes. *Behavior and Philosophy*, 45(1), 64-78.
- Baum, W. M. (2018). Multiscale behavior analysis and molar behaviorism: An overview. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 110(3), 302-322. <https://doi.org/10.1002/jeab.476>
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., & McEnteggart, C. (2020). Updating RFT (more field than frame) and its implications for process-based therapy. *The Psychological Record*, 70(1), 605-624. <https://doi.org/10.1007/s40732-019-00372-3>
- Barnes-Holmes, D., & Harte, C. (2022). Relational frame theory 20 years on: The Odysseus voyage and beyond. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 117(2), 240-266. <https://doi.org/10.1002/jeab.733>
- Cihon, T. M., & Mattaini, M. A. (Eds.). (2020). *Behavior science perspectives on culture and community*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0>
- Dinsmoor, J. A. (2004). The etymology of basic concepts in the experimental analysis of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 82(3), 311-316. <https://doi.org/10.1901/jeab.2004.82-311>
- Fleming, W. (2023). *Cultural reaction systems: An orientational unit of analysis for cultural relations*. (Publication No. 30522713) [Doctoral dissertation, University of Nevada, Reno]. ProQuest Dissertations and Theses Global.
- Fleming, W. (2024). The elephant in the field. *Behavior and Social Issues*, 33(1), 107-115. <https://doi.org/10.1007/s42822-024-00160-x>
- Fleming, W., & Hayes, L. J. (2021). Relations between description and experimentation in the metacontingency enterprise: An interbehavioral analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 44(2-3), 417-472. <https://doi.org/10.1007/s40614-021-00286-y>
- Fleming, W., & Hayes, L. J. (2024). Absurd Camusian thoughts on contextual behavioral science. *Behavior & Philosophy*, 52(1), 10-27.

- Fleming, W., Thomas, J., Lopez, O., Locey, M. L., & Hayes, L. J. (2022). Evolution of cultural interbehavior in a turn-based matching-to-sample procedure. *The Psychological Record*, 72(2-3), 43-63. <https://doi.org/10.1007/s40732-021-00485-8>
- Fryling, M. J., & Hayes, L. J. (2012). Interbehaviorism. In L. L'Abate (Ed.), *Paradigms in theory construction* (pp. 187-205). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-1-4614-0914-4>
- Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden two. *Behavior Analysis and Social Action*, 5(1-2), 2-8. <https://doi.org/10.1007/BF03406059>
- Glenn, S. S. (2003). Operant contingencies and the origin of culture. In K.A. Lattal & P. N. Chase (Eds.), *Behavior theory and philosophy* (pp. 223-242). Kluwer/Plenum. [https://doi.org/10.1007/978-1-4757-4590-0\\_12](https://doi.org/10.1007/978-1-4757-4590-0_12)
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27(2), 133-151. <https://doi.org/10.1007/BF03393175>
- Glenn, S. S., & Malott, M. E. (2004). Complexity and selection: Implications for organizational change. *Behavior and Social Issues*, 13(2), 89-106. <https://doi.org/10.5210/bsi.v13i2.378>
- Glenn, S. S., Malott, M. E., Andery, M. A. P. A., Benvenuti, M., Houmanfar, R. A., Sandaker, I., Todorov, J. C., Tourinho, E. Z., & Vasconcelos, L. A. (2016). Toward consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. *Behavior and Social Issues*, 25, 11-27. <https://doi.org/10.5210/bsi.v25i0.6634>
- Harte, C., & Barnes-Holmes, D. (2024). Recent developments in RFT encourage interbehavioral field-based views of human language and cognition: A preliminary analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 1-16. <https://doi.org/10.1007/s40614-024-00407-3>
- Hayes, L. J., & Fryling, M. J. (2018). Psychological events as integrated fields. *The Psychological Record*, 68(2), 273-277. <https://doi.org/10.1007/s40732-018-0274-3>
- Hayes, L. J., & Fryling, M. J. (2023). *Interbehaviorism: A comprehensive guide to the foundations of Kantor's theory and its applications for modern behavior analysis*. Context Press.
- Hayes, L. J., Adams, M. A., & Dixon, M. R. (1996). Causal constructs and conceptual confusions. *The Psychological Record*, 46(1), 97-112. <https://doi.org/10.1007/BF03395214>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Plenum Press.
- Houmanfar, R. A., & Rodrigues, N. J. (2006). The metacontingency and the behavioral contingency: Points of contact and departure. *Behavior and Social Issues*, 15(1), 13-30. <https://doi.org/10.5210/bsi.v15i1.342>
- Houmanfar, R., Rodrigues, N. J., & Ward, T. A. (2010). Emergence and metacontingency: Points of contact and departure. *Behavior and Social Issues*, 19(1), 78-103. <https://doi.org/10.5210/bsi.v19i0.3065>

- Houmanfar, R. A., Ardila-Sánchez, J. G., & Alavosius, M. P. (2020). Role of cultural milieu in cultural change: Mediating factor in points of contact. In T. M. Cihon & M. A. Mattaini (Eds.), *Behavior science perspectives on culture and community* (pp. 151-170). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0_7)
- Houmanfar, R. A., Alavosius, M. P., Ghezzi, E. L., & Olla, R. (2024). Verbal repertoires and contextual factors in cultural change. *The Psychological Record*. <https://doi.org/10.1007/s40732-024-00587-z>
- Hull, D. L., Langman, R. E., & Glenn, S. S. (2001). A general account of selection: Biology, immunology, and behavior. *Behavioral and Brain Science*, 24(3), 511-573. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0156416X>
- Kantor, J. R. (1924). *Principles of psychology (Vol. I)*. Principia Press.
- Kantor, J. R. (1926). *Principles of psychology (Vol. II)*. Principia Press.
- Kantor, J. R. (1953). *The logic of modern science*. Principia Press.
- Kantor, J. R. (1959). *Interbehavioral psychology: A sample of scientific system construction* (2<sup>nd</sup> ed.). Principia Press.
- Kantor, J. R. (1970). An analysis of the experimental analysis of behavior (TEAB). *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 13(1), 101-108. <https://doi.org/10.1901/jeab.1970.13-101>
- Kantor, J. R. (1977). *Psychological linguistics*. Principia Press.
- Kantor, J. R. (1982). *Cultural psychology*. Principia Press.
- Kantor, J. R., & Smith, N. W. (1975). *The science of psychology an interbehavioral survey*. University of Akron.
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2008). Uma explicação não-causal do comportamento no Behaviorismo Radical. *Acta Comportamental*, 16(3), 379-397. <https://doi.org/10.32870/ac.v16i3.18120>
- Malott, M. E. (2003). *Paradox of organizational change: Engineering organizations with behavioral systems analysis*. Context Press.
- Mattaini, M. A. (2020). Cultural systems analysis: An emerging science. In T. M. Cihon & M. A. Mattaini (Eds.), *Behavior science perspectives on culture and community* (pp. 43-65). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0\\_7](https://doi.org/10.1007/978-3-030-45421-0_7)
- Mesoudi, A. & Thornton, A. (2018). What is cumulative cultural evolution? *Proceedings of the Royal Society B*, 285(1). <http://dx.doi.org/10.1098/rspb.2018.0712>
- Parrott, L. J. (1983). Defining social behavior: An exercise in scientific system building. *The Psychological Record*, 33(1), 533-550.
- Rachlin, H. (1992). Teleological behaviorism. *American Psychologist*, 47(11), 1371-1382. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1371>
- Rachlin, H. (2013). About teleological behaviorism. *The Behavior Analyst*, 36(2), 209-222.
- Ribes-Iñesta, E. (1991). Contingency-substitution behavior. In L. J. Hayes & Chase (Eds.), *Dialogues on verbal behavior* (pp. 47-58). Context Press.

- Ribes-Iñesta, E. (1997). Causality and contingency: Some conceptual considerations. *The Psychological Record*, 47(1), 619-635. <https://doi.org/10.1007/BF03395249>
- Ribes-Iñesta, E. (2000). Instructions, rules and abstraction: A misconstrued relation. *Behavior and Philosophy*, 28(1-2), 41-55. <http://www.behavior.org/resources/103.pdf>
- Ribes-Iñesta, E. (2006a). A theoretical and experimental program on human and animal behaviour. *International Journal of Psychology*, 41(6), 436-448. <https://doi.org.unr.idm.oclc.org/10.1080/00207590500491130>
- Ribes-Iñesta, E. (2006b). Human behavior as language: Some thoughts on Wittgenstein. *Behavior and Philosophy*, 34(1), 109-121.
- Ribes-Iñesta, E. (2020). A theory of behavior or a theory of psychology? In D. Zilio & K. Carrara (Eds.), *Contemporary behaviorism in debate* (pp. 273-313). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-77395-3>
- Ruiz, M. R., & Roche, B. (2007). Values and the scientific culture of behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 30(1), 1-16.
- Sampaio, A. A. S., & Haydu, V. B. (2023a). Cultural milieu and group-rules in an elaborated account of metacontingencies: Conceptual analysis and an illustration in a COVID-19 psychological support project. *Behavior and Social Issues*, 32(1), 115-133. <https://doi.org/10.1007/s42822-023-00126-5>
- Sampaio, A. A. S., & Haydu, V. B. (2023b). Metacontingency terminology, philosophical assumptions, and the scientific dialogue: A response to Ardila-Sánchez and Hayes (2023). *Behavior and Social Issues*, 32(1), 141-146. <https://doi.org/10.1007/s42822-023-00131-8>
- Shimp, C. P. (2020). Molecular (moment-to-moment) and molar (aggregate) analyses of behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 114(3), 394-429. <https://doi.org/10.1002/jeab.626>
- Skinner, B. F. (1930). On the conditions of elicitation of certain eating reflexes. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 16, 433-438.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Smith, N. W. (2007). Events and constructs. *The Psychological Record*, 57(2), 169-186. <https://doi.org/10.1007/BF03395570>
- Tonneau, F. (2016). Reforçamento operante e seleção natural: A analogia inútil. *Interação em Psicologia*, 20(3), 279-285. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i3.47412>
- Zuriff, G. (1987). Naturalistic ethics. In S. Modgil & C. Modgil (Eds.), *B. F. Skinner: Consensus and controversy* (pp. 309-318). Falmer.

(Received: August 13, 2024; Accepted: November 19, 2024)

